

## RASTROS MEMORIAIS DA DIÁSPORA AFRO-ATLÂNTICA NO CONTO “DAS ÁGUAS” DE CRISTIANE SOBRAL

Wagner dos Santos Chagas<sup>1</sup>

Lúcia Regina Lucas da Rosa<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo apresenta os rastros memoriais da diáspora afro-atlântica presentes no conto “Das águas”, da antologia de contos e crônicas *Olhos de Azeviche* (2017, Editora Malê), da escritora Cristiane Sobral. O objetivo principal é analisar como os rastros da memória afro-atlântica aparecem através dos elementos da ancestralidade afro-diaspórica manifestada pela religiosidade afro-brasileira. Como orientação metodológica utilizou-se a pesquisa qualitativa por meio da abordagem de análise textual discursiva. A discussão teórica é inspirada nas ideias de pesquisadores como Édouard Glissant, Mogobe Ramose, Renato Nogueira, Beatriz Nascimento, Leda Martins e Maria Antonieta Antonacci, numa perspectiva epistemológica pluriversal. Os resultados das discussões indicam que no decorrer do conto, podemos identificar os rastros memoriais ancestrais presentes nos elementos linguísticos, culturais e da religiosidade dos povos iorubás e bantu que compõem grande parcela da matriz cultural do Brasil. Evidencia-se também que existe nessas tradições afro-diaspóricas uma oralitura, ou seja, a hibridização que entrelaça as histórias orais com as histórias escritas através da simbologia ancestral africana presentes no corpo negro como espaço da memória.

219

**Palavras-chave:** Memória. Rastro de memória afro-atlântica. Oralitura. Corpo lugar de memória. Epistemologia pluriversal.

### Introdução

A presente pesquisa aborda os rastros memoriais da diáspora afro-atlântica presentes no conto “*Das águas*”, da escritora Cristiane Sobral, apresentado na modalidade comunicação oral no GT Diversidade Cultural, Inclusão Social e Direitos

---

<sup>1</sup> Prof. Dr. PPGMSBC/UNILASALLE. E-mail: tutorwagnergp@gmail.com.

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> PPGMSBC/UNILASALLE.

Humanos, durante o VI Congresso Internacional *Sociology of Law* promovido pela Universidade La Salle. Essa pesquisa está organizada a partir do seguinte problema de pesquisa: Como os rastros da memória afro-atlântica aparecem através dos elementos da ancestralidade afrodiaspórica manifestada pela religiosidade afro-brasileira?

A primeira parte do texto “*Livro Olhos de Azeviche e o conto “Das Águas”, de Cristiane Sobral*”, apresenta uma contextualização da coletânea de contos e crônicas de dez escritoras negras. Também apresenta um pequeno currículo da escritora, atriz, diretora e professora Cristiane Sobral, bem como uma pequena síntese do conto. Sobre o livro, Rosa e Graebin (2021, p. 4) destacam: “O livro em estudo traduz-se em movimento de reflexão, denúncia, exaltação e tantas outras possibilidades de leituras a serem realizadas pelos mais diversos públicos leitores.”

Na segunda parte do texto “Para uma análise pluriversal e afroperspectivista” são apresentados os contornos conceituais e teóricos que são utilizados no processo analítico da narrativa do conto. Os contornos conceituais e teóricos têm inspiração nas ideias de pesquisadores como Édouard Glissant, Mogobe Ramose, Renato Nogueira, Beatriz Nascimento, Leda Martins e Maria Antonieta Antonacci, Luiz Rufino, numa perspectiva epistemológica pluriversal e afroperspectivista.

Na terceira e última parte do texto “Desenho metodológico e análises”, são apresentados os contornos metodológicos da pesquisa qualitativa por meio da abordagem de análise textual discursiva. O processo analítico se dá a partir de quatro categorias de análises: Diáspora Atlântica - Ancestralidade - Religiosidade Afro-brasileira - Mulher Negra, Colonialidade - Identidade Raiz - Transparência - Universal, Corpo-Memória - Rastros de Memória - Caos-mundo - Ubuntu e Decolonialidade - Identidade Rizoma - Opacidade - Pluriversalidade.

### **Livro *Olhos de Azeviche e o conto “Das Águas”, de Cristiane Sobral***

O livro *Olhos de Azeviche*, organizado por Vagner Amaro e publicado pela Editora Malê em 2017, é uma coletânea que reuniu textos, entre contos e crônicas de dez escritoras negras. O objetivo do livro foi criar uma possibilidade de ampliação dos espaços de divulgação e circulação das produções textuais de escritoras negras contemporâneas. O livro *Olhos de Azeviche*, ao introduzir na cena literária nacional

textos de mulheres negras, possibilita movimentos de aprofundamento e enriquecimento da literatura brasileira a partir de temáticas que abordam a cultura africana e afro-brasileira. A obra reúne textos de autoras experientes e que estão presentes em publicações, desde os anos setenta, como Geni Guimarães, até autoras presentes nas mídias digitais como *blogs*, *sites* e redes sociais e que, pela primeira vez, tem seu texto publicado de maneira impressa, como Taís Espírito Santo. O conto, que serve como objeto de análise desta pesquisa, é “*Das Águas*”, de autoria de Cristiane Sobral.

Cristiane Sobral é uma escritora, atriz, diretora e professora de teatro nascida no Rio de Janeiro nos anos setenta. No final dos anos oitenta, Cristiane começou sua caminhada artística realizando um curso de teatro no SESC, experiência que motivou seu ingresso na Universidade de Brasília, sagrando-se como a primeira mulher negra a se formar em Interpretação pela UNB. Na continuação de seus estudos, a autora possui Especialização em Docência no Ensino Superior e Mestrado em Artes.

Durante sua trajetória profissional, Cristiane Sobral participa da montagem de peças teatrais, recebe prêmios como atriz e publica poesias, crônicas e contos em várias coletâneas e antologias. Seu primeiro livro publicado recebeu o título de um de seus poemas mais aclamados, “*Não vou mais lavar os pratos*” (2010), depois publicou os livros “*Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção*” (2014), “*Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz*” (2014), “*O tapete voador*” (2016) e “*Terra Negra*”(2017).

O conto “*Das Águas*” narra a história de Omi, uma mulher negra criada em uma comunidade periférica marcada pelas formas de ser e estar no mundo numa perspectiva afrodescendente. A parte inicial do conto retrata os conflitos vividos pela protagonista com as características estéticas do seu corpo, sendo de uma mulher negra, com os padrões estabelecidos pela sociedade brasileira. Os desafios impostos por uma sociedade machista, racista, preconceituosa e discriminatória, que herdou essas máculas do passado colonial brasileiro. Por enfrentar o cotidiano duro e violento dessas heranças coloniais, Omi estava em crise com o seu corpo, com sua feminilidade negra, com sua ancestralidade. O único espaço de segurança e afeto vividos por Omi era o seu núcleo familiar e sua comunidade, família extensa que carregava o sagrado e as formas de sociabilidade ancestral africana. Uma

profecia realizada por sua avó benzedeira desencadeia uma mudança na vida da protagonista. A avó de Omi profetizou que a neta seguiria seus passos, ou seja, herdaria o dom e a responsabilidade com a cura dos males das pessoas. Desde o início da narrativa, já há indícios de que a ancestralidade da personagem seria uma forte presença: “Omi poderia atribuir o desânimo ao calor excessivo dos últimos dias, contudo, no universo múltiplo dos sentidos das mulheres, sabia. Sentia.”(SOBRAL, 2017, p. 49)

A protagonista segue os passos de sua avó, mas não como benzedeira, ela cursa a faculdade de medicina. Um dia, ao passar pelo rio da sua comunidade a caminho do ponto de ônibus para ir até a faculdade, Omi sentiu um chamado. Ao olhar as águas do rio, a menina ouve o chamado maternal da orixá Oxum: “Oxum estava lá. Majestosa e vestida com o mais puro ouro, dançava sobre as águas. Nunca havia visto Oxum, mas sabia que era ela. Não era questão de ver. Sua energia estava ali manifesta, como parteira a anunciar o seu renascimento.” (SOBRAL, 2017, p. 51). Não resistindo ao chamado do sagrado ancestral dos seus antepassados, Omi mergulha nas águas do rio. No entrelaçamento do seu corpo com a força de Oxum, a protagonista entra em contato com seus antepassados e percebe a luta e os esforços que eles realizaram para que ela pudesse trilhar o seu caminho. Desse encontro com a orixá das águas doces, Omi reencontrou a sua autoestima, encontrou a força para conquistar o seu lugar na terra. Nos espelhos de Oxum, pode ver sua feminilidade negra e como sua estética e performance do seu corpo negro eram formas de afirmar a sua humanidade.

222

### **Para uma análise pluriversal e afroperspectivista**

Para analisar um contexto complexo como os elementos culturais, religiosos e filosóficos da diáspora afro-atlântica presente no conto “*Das Águas*”, é necessário utilizar uma epistemologia pluriversal numa abordagem afroperspectivista. Essa perspectiva epistemológica da pluriversalidade, conforme escreve Ramose (2002, 2009, 2010 e 2011), Nunes (2009), Noguera (2012), Chagas (2017) e Chagas, Graebin e Rosa (2021), constitui-se como a coexistência e convivência de múltiplas formas de leitura de mundo em que a unidade não pode ser separada da

coletividade, da mesma forma que a coletividade só tem força a partir das suas muitas particularidades.

A pluriversalidade representa uma infinidade de formas de conhecer a partir de diferentes experiências coletivas e individuais da vida em sociedade. Esse pluriverso de formas de produção do conhecimento é constituído pelos contextos históricos, organizações sociais, aspectos culturais, desenvolvimento material e a religiosidade dos povos de uma determinada localidade. A teia formada pela pluriversalidade pode ser compreendida a partir da visão ampliada que possibilita identificar a interconectividade entre os seus nodos aqui representados pelas pessoas, pela comunidade, pela natureza, pelo sagrado e as futuras gerações.

Nesse contexto pluriversal, a elaboração de pesquisas sobre a memória afrodiaspórica pode estar ancorada na abordagem afroperspectivista. Para Nogueira (2019), a abordagem afroperspectivista é uma linha filosófico-epistemológica apoiada em diferentes tradições que entrelaçam sistemas teóricos africanos, afro-brasileiros, indígenas e ameríndios. Para a operação de um ferramental teórico afroperspectivista, partimos do pressuposto de que a construção da identidade e formação de um povo (coletividade), ou de uma pessoa (individualidade), é constituído pela sua história, sua cultura e sua ancestralidade”. Essas diferentes histórias, culturas e ancestralidades estão interconectadas possibilitando múltiplas formas de racionalidades, ou seja, múltiplas formas de ler e estar no mundo. Para Nogueira (2012, p. 66), a multirracionalidade “reconhece a existência de múltiplas perspectivas para abordar, ler, interpretar, criar modos e organizar a vida”. Esse movimento dialético de vir a ser é uma alternativa à soberania epistêmica ocidental.

A soberania epistêmica ocidental é um dos efeitos dos processos históricos de conquista e domínio dos territórios africanos, americanos e asiáticos pelas nações europeias, que estabeleceu uma intervenção epistemológica que deslegitimou os saberes dos povos que habitavam os territórios colonizados. Assim, os colonizadores tomaram o direito de definir os critérios de validação do que é conhecimento e quais são os métodos e procedimentos para a produção desses conhecimentos.

Para Mudimbe (2013) o colonialismo epistemológico no qual foram submetidas todas as nações e povos colonizados, produziu uma geografia do pensamento. Nessa geografia do pensamento, as nações ocidentais europeias

ocupavam a região central que irradiava conhecimentos tidos como universalmente verdadeiros para os povos africanos, latino-americanos e asiáticos. Mudimbe (2013) chama esse fenômeno de etnocentrismo epistemológico, que se caracteriza como o regime de verdade assentado em um discurso em que uma cultura, tida como dominante, não tinha nada para aprender com outras culturas consideradas subalternas. Assim a cultura dominante, alicerçada pela força e violência colonial, ganha o *status* de cultura universal. Nesse sentido, “universal” pode ser lido como uma composição do latim *unius* (um) e *versus* (alternativa de...), fica claro que o universal, como um e o mesmo, contradiz a ideia de contraste ou alternativa inerente à palavra *versus*. A contradição ressalta o um, para a exclusão total do outro lado, como podemos observar no conto em estudo: “Ao sair de casa, o preconceito e o racismo já estavam de pé, a sacudir, com cinismo, as suas certezas” (SOBRAL, 2017, p. 50) Este parece ser o sentido dominante do universal, mesmo em nosso tempo (RAMOSE, 2011, p. 10).

Para Glissant (2011) essa definição de universal provocava a destruição das múltiplas identidades dos povos africanos e afrodiaspóricos. Essa destruição pode ser analisada pelo conceito de transparência que é a constituição de uma identidade homogeneizante a partir de uma perspectiva ontológica ocidental: branca, masculina, patriarcal, cristã e que tem as bases do conhecimento alicerçados apenas na fonte escrita.

No pensamento presente na obra de Édouard Glissant, os conceitos de pluriversalidade e de multirracionalidade estão presentes em todos os seus constructos teóricos. Conceitos como rastro-resíduo, caos-mundo, identidade rizoma, opacidade e tantos outros criados por Glissant possibilitam a compreensão das identidades, memórias e culturas presentes nas sociedades amalgamadas pela afrodiáspora. O pensamento de Glissant representa a leitura de mundo de um sujeito que é constituído pelos fluxos dos movimentos culturais que deram origem à sociedade martinicana, mas pode muito bem subsidiar os processos interpretativos e explicativos das realidades presentes nas demais sociedades afrodiaspóricas em outras partes do mundo.

Um dos fundamentos presentes na obra de Édouard Glissant (2005 e 2011), e que são destacados por Pinto e Bernardes (2019), é o fato de compreender que tudo é movimento, tudo está em processo de vir a ser, que existe um complexo

entrelaçamento entre as memórias dos grupos que compõem a sociedade. E nesse entrelaçamento, a sociedade e as identidades dos seus grupos emergem juntas em algo novo e imprevisível.

---

Os africanos, vítimas do tráfico para as Américas, transportaram consigo para além da imensidão das águas os rastros-resíduos de seus deuses, de seus costumes, de suas linguagens. Confrontados à implacável desordem do colono, eles conheceram essa genialidade, atada aos sofrimentos que suportaram, de fertilizar esses rastros-resíduos, criando, melhor do que sínteses, resultantes das quais adquiriram o segredo. As línguas crioulas são rastros-resíduos singrados na grande bacia do Caribe e do Oceano Índico. (GLISSANT, 2005, p. 83 e 84).

---

Esses rastros-resíduos estão presentes tanto nas narrativas orais quanto nas narrativas escritas, demonstrando o potencial criador tanto da palavra falada, quanto da palavra escrita e nos processos que hibridizam as duas possibilidades de narrativas (oral e o escrito), na performance dos corpos dos africanos trazidos para o Brasil na diáspora que aconteceu entre os séculos XVI e século XIX. Diáspora é um conceito polifônico, que teve origem do grego antigo formado pela palavra *dia* (através, por meio de) e *speirō* (dispersão, disseminar ou dispersar). Através dos tempos, esse conceito ganhou muitos significados. Conforme Ford (1999, p. 41), diáspora é uma palavra usada frequentemente para “indicar o deslocamento forçado de milhões de africanos de sua pátria durante os quatrocentos anos de tráfico de pessoas pelo Atlântico”.

Porém, Ford (1999) salienta que a diáspora carrega um outro significado que é o de plantar sementes por dispersão. Durante a diáspora africana, o Atlântico, além de representar a Grande Calunga, a grande extensão da morte, representou a encruzilhada que entrelaçou os modos de ser e estar no mundo da diversidade africana com a diversidade dos povos indígenas e europeus que estavam em terras brasileiras. Na travessia do Atlântico, conforme escreveu Nascimento (1989), Glissant (2005), Antonacci (2013) e Martins (2021), os africanos não trouxeram elementos materiais de sua cultura e lugares de referência para suas lembranças, sendo assim, os seus corpos se converteram em corpos-memória. Esses corpos-memória se tornaram lugares em que a memória social do grupo que pertenciam está presente e poderia ser criada, expressada e recriada através das experiências

culturais, sociais e religiosas vivenciadas no passado em terras africanas entrelaçadas com as novas experiências vivenciadas em terras brasileiras.

As narrativas memoriais, presentes nos corpos-memórias afrodiaspóricas, são escritos através da performance das danças e das músicas transcritas nos terreiros das religiões de matriz afro, nas rodas de capoeira, nas rodas de samba, nos rituais de pagamento de promessas do quicumbi, das guardas dos reinados de congo da irmandade de Nossa Senhora do Rosário e demais expressões da cultura e ancestralidade africana e afro-brasileira, como relata a personagem Omi: “Sentia que a força dos seus estava a inspirar os seus passos”(SOBRAL, 2017, p. 50). Nesse contexto cultural de música, canto, dança, narrativas memoriais ganha vida a oralitura e as afrografias da memória.

### **Desenho metodológico e análises**

O estudo do conto “*Das Águas*” foi desenvolvido a partir do seguinte problema de pesquisa: Como os rastros da memória afro-atlântica aparecem através dos elementos da ancestralidade afro-diaspórica manifestada pela religiosidade afro-brasileira? Para o processo analítico da narrativa do conto, definimos a orientação metodológica através da abordagem de pesquisa qualitativa. A abordagem de pesquisa qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994), exige que o mundo seja examinado a partir da ideia de que nada é trivial, de que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do objeto de pesquisa. A partir dessa postura de observar o mundo através de um olhar investigativo atento, o pesquisador deve ser capaz de encontrar elementos que sirvam de base para a construção de um arcabouço de informações com o objetivo de ampliar a compreensão do objeto ou da situação que está sendo investigada.

No intuito de compreender a presença da memória e os elementos da ancestralidade africana e afro-brasileira presentes no contexto narrativo do conto, com base no problema de pesquisa e na definição da abordagem metodológica qualitativa, o objetivo principal da pesquisa consiste em analisar como os rastros da memória afro-atlântica aparecem através dos elementos da ancestralidade afrodiaspórica manifestada pela religiosidade afro-brasileira. Para poder analisar os

dados, utiliza-se a abordagem de análise textual discursiva. Para Moraes e Galiazzi (2006), essa abordagem transita entre a análise de conteúdo e a análise de discurso.

---

A análise textual discursiva tem no exercício da escrita seu fundamento enquanto ferramenta mediadora na produção de significados e por isso, em processos recursivos, a análise se desloca do empírico para a abstração teórica, que só pode ser alcançada se o pesquisador fizer um movimento intenso de interpretação e produção de argumentos (MORAES; GALIAZZI, 2006, p.118).

---

Moraes e Galiazzi (2006) explicam que o processo de análise começa com o movimento de unitarização dos dados, ou seja, na separação do texto em várias unidades de significado. Essas unidades podem gerar diversos conjuntos de unidades de análise que surgem da interlocução com o contexto empírico da pesquisa, entrelaçado com a perspectiva teórica que orienta a análise do pesquisador. Nesse processo de interpretação do significado que deu origem às unidades de análise, começa um diálogo polifônico para compreender melhor o texto. Essa polifonia pode ser representada pelo diálogo entre os pesquisadores que socializam suas leituras do texto que é permeada pelos seus campos de atuação, de formação e de experiências para aprofundar o potencial interpretativo do objeto de estudo. Esse aprofundamento interpretativo resulta no processo que pode ser denominado de categorização, que pode dar origem a várias categorias de análise.

Antes do conto “*Das Águas*” ser escolhido como objeto de pesquisa para ser apresentado no evento no VI Congresso Internacional *Sociology of Law*, trabalhamos com essa narrativa com os alunos da graduação do curso de Letras/Português da Unilasalle, na disciplina de Literaturas Africanas e Afro-brasileira, bem como, com os alunos do mestrado e doutorado em Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle, no seminário de Cultura. Nessas aulas, realizamos a leitura, interpretação e discussão a partir de múltiplos olhares dos sujeitos dos professores, alunos, referências teóricas trabalhadas em cada uma das disciplinas. Como as duas disciplinas aconteceram no formato online, com aulas realizadas pelo Google Meet, a leitura, bem como toda a discussão foi gravada, essa experiência de aprendizagem possibilitou a ampliação das possibilidades interpretativas para o

processo de unitarização e categorização dos dados. Desse processo surgiram as seguintes categorias representadas na seguinte imagem:

Imagem 1 – Categorização dos dados



Fontes: Elaborado pelos autores.

A partir das definições das categorias de análise representadas pelo desenho, apresentam-se as análises realizadas a partir da epistemologia pluriversal numa abordagem afroperceptivista:

- *Diáspora Atlântica - Ancestralidade - Religiosidade Afro-brasileira - Mulher Negra:*

No decorrer da narrativa do conto, Cristiane Sobral vai apresentando a história de Omi, mulher negra criada em uma comunidade periférica marcada pela cultura e religiosidade afrodescendente: “Faria tudo por sua gente, por seus saberes, admirava a resistência de seu povo mantenedor de tradições culturais e religiosas ao longo dos séculos, amava profundamente seu quilombo-chão, como amava seu corpo, seu primeiro território”(SOBRAL, 2017, p. 49-50). Uma comunidade que emana os elementos da ancestralidade africana alicerçada na filosofia Ubuntu. Para Ramose (2009), Nascimento (2014) e Chagas (2017), o Ubuntu se configura como a Filosofia do Nós, partindo do pressuposto de que ser humano é afirmar a

humanidade através do reconhecimento da humanidade dos outros, estabelecendo relações humanas respeitadas entre todos os integrantes da comunidade. Um espaço de legitimação dos outros como legítimos outros no viver e conviver possibilitando um convívio de afetos, felicidade e manutenção do equilíbrio comunitário para um futuro feliz e fecundo.

A personagem sai da comunidade em busca da realização de uma profecia anunciada pela sua avó que era benzedeira: a neta herdaria o dom da cura. Assim como a avó utilizava os conhecimentos herdados dos seus antepassados e ancestrais vindos de África, Omi fazia faculdade de medicina. Os elementos da Diáspora Atlântica se evidenciam pela forte presença da ancestralidade dos povos Bantu e dos povos Iorubás. Omi, além de ser o nome da personagem principal do conto, é a palavra Iorubá para água. Essa palavra está presente nas saudações de orixás femininas ligadas ao elemento água como “Omi ô”, “ Omi odô”, “Omi ô Odoyá”, que significa “Salve as águas”, “Salve as águas do rio”, Salve a senhora mãe das águas do rio”.

Os elementos da cultura Bantu presentes na narrativa se manifestam na figura da avó de Omi, que era uma benzedeira. É uma característica da religiosidade Bantu, e de muitos outros grupos étnico-culturais africanos, a utilização e manipulação de elementos mágico simbólicos entrelaçadas com a utilização da oralidade ritmada para operar a cura de doenças. Rufino (2019) explica que Kumba, provavelmente é uma palavra derivada da língua bantu quicongo, significa feiticeiro, encantadores de palavras, criam possibilidades através das palavras. E que Macumba seria a reunião desses encantadores da palavra (o prefixo ma, no quicongo, forma o plural de kumba), demonstrando as raízes da ancestralidade de sua avó manifestada em seus rituais sagrados. Assim, Omi segue os passos de sua avó no papel daquela que é responsável pela cura dos integrantes de sua comunidade, não pelo sagrado, mas pela medicina.

- *Colonialidade - Identidade Raiz - Transparência - Universal*

Ao cruzar a porta de sua casa, as fronteiras de sua comunidade para enfrentar o mundo, a protagonista se depara com os malês que aflingem a sociedade brasileira que são o racismo, o preconceito e a discriminação racial.

Conforme escreve Chagas (2010), todos os países que passaram pela condição de colônia de exploração das nações europeias, mais especificamente no Brasil, onde a mão-de-obra escrava africana era a principal força produtiva que movia a economia, as relações raciais carregam uma forte carga de racismo, causando graves problemas sociais. A perpetuação do racismo, da discriminação racial e do preconceito racial no Brasil revelam a existência de um sistema social racista que possui mecanismos para operar as desigualdades raciais dentro da sociedade.

A estética e a performance do corpo de Omi não seguiam os padrões impostos pela mídia e pela sociedade dominada pelos homens. Sua presença na universidade, principalmente em uma graduação de medicina, era tida como indesejável. Esse cotidiano duro carregado de hostilidades por parte da sociedade racista, preconceituosa e discriminatória assombrava Omi cotidianamente. Essa situação remete ao conceito cunhado por Glissant (2015), chamado de transparência. O conceito de transparência é a constituição de uma identidade homogeneizante a partir de uma perspectiva ontológica ocidental. É como se os sujeitos afrodiaspóricos estivessem diante de um espelho que reflete apenas uma imagem, um ideal a ser alcançado: a imagem do colonizador e dos modos de ser e estar no mundo. Outro conceito criado por Glissant que podemos utilizar para problematizar os desafios enfrentados por Omi, é o de identidade raiz.

A identidade raiz, conforme o pensamento do colonizador, é o ponto de chegada almejado pelo colonizado. Pois, no processo da escravidão mercantil, os povos que viviam na África, além de serem desterritorializados, também foi desconsiderado o seu estatuto ontológico de ser produtor de conhecimento, cultura, religiosidade e memória após singrar o oceano Atlântico e aportar no continente americano. A identidade raiz remete à noção de paradigma universal ocidental como padrão a ser almejado e perseguido.

- *Corpo-Memória - Rastros de Memória - Caos-mundo - Ubuntu*

Mas a situação mudou no momento em que a personagem tem um encontro com as águas do rio da sua comunidade. O rio foi o portal onde Omi se conecta com sua ancestralidade e feminilidade ao entrar em contato com a orixá Oxum, entidade feminina do panteão Iorubá que se manifesta nos terreiros brasileiros. O sagrado

que entrelaça os elementos da religiosidade africana, dos povos indígenas, do catolicismo popular e do espiritismo, assim como, todo o amálgama étnico e racial que constitui a sociedade brasileira representam o conceito de caos-mundo. Caos-mundo representa, conforme escreve Glissant (2015, p. 98), “o choque, o entrelaçamento, as repulsões, as atrações, as convivências, as oposições, os conflitos entre as culturas dos povos”. Nessa perspectiva, o olhar generalizante de uma Totalidade-Mundo como centro irradiador de uma cultura hegemônica perde o sentido de existir. O caos-mundo expõe que as culturas estão em relação proporcionando um movimento constante de produção, reelaboração e destruição no cerne das sociedades diaspóricas.

Oxum é a orixá das águas doces, águas que matam a sede e combatem a febre, ao mesmo tempo, essas águas podem se tornar revoltas e destruir tudo e todos que estão nas margens dos rios. Mesmo com esse potencial destrutivo, as cheias dos rios de Oxum depositam nas margens o húmus nutritivo necessário para produzir mais vida. Foi no encontro com esse portal que Omi reconheceu a porção do sagrado presente em seu corpo, corpo território do sagrado, corpo lugar de memória, corpo como quilombo primevo. O mergulho nas águas e sua saída do rio representam um rito de passagem para Omi. De alguém que sofria com o racismo, preconceito e discriminação, que tinha dificuldades em aceitar a estética de seu corpo negro e feminino, para uma mulher que utiliza os elementos de sua negritude como um ato afirmativo da sua ancestralidade. Esse ato afirmativo e de resistência também é elemento do conceito do Ubuntu que circula nos espaços afro-brasileiros.

Para Malomalo (2010), Nogueira (2011) e Chagas (2017), os africanos que desembarcaram em terras brasileiras não só trouxeram consigo o Ubuntu como forma de solidariedade e leitura de mundo, como também o ressignificam como uma práxis de resistência. Segundo Malomalo (2010), a filosofia Ubuntu no Brasil pode ser identificada nas religiões afro-brasileiras, nos espaços quilombolas, nas irmandades negras, nas congadas, moçambiques e nos grupos que constituem o Movimento Negro.

- *Decolonialidade - Identidade Rizoma - Opacidade - Pluriversalidade*

Ao sair das águas do rio, Omi foi transformada após se unir com Oxum. Seu corpo serviu de veículo para o sagrado ancestral. A protagonista encontra o seu lugar e luta para que seu lugar no mundo se torne realidade para ela e para os seus. Ao se olhar nos espelhos de Oxum, pode ver que ela fazia parte de uma longa corrente de mulheres e homens negros que lutaram para que ela pudesse estar ali. E que sua responsabilidade era honrar seus antepassados e transformar o mundo para as próximas gerações. A visão desse espelho pode representar o conceito opacidade. A opacidade pensa a identidade dos povos que foram trasladados de suas regiões da África e postos em contato com a diversidade cultural de outros povos do mesmo continente, com os povos europeus e com os povos autóctones do continente americano nas encruzilhadas atlânticas e transatlânticas. O que emerge desses contatos são culturas, memórias e identidades em constante processo de vir a ser, por isso, totalmente imprevisíveis. Mas, mesmo nesse movimento de inédito imprevisível, é possível identificar os rastros-resíduos de suas memórias ancestrais através de suas línguas, de suas religiosidades, de suas formas de ler, interpretar e recriar o mundo.

Diante dela Oxum abria seus caminhos, a orixá das águas doces representava a doçura do amor materno, porém representava a força da mãe negra que lutava para proteger e preparar seus filhos no enfrentamento dos desafios diários. Omi vai transformar o seu futuro, resgatar a nobreza e a força de seus antepassados, vai reconstruir a riqueza de seu território ancestral, vai curar as marcas psíquicas deixadas pelo racismo, preconceito e discriminação. Sua identidade não é identidade raiz, mas identidade rizoma. Identidade rizoma parte do princípio de que as sociedades afrodiaspóricas são desprovidas de um mito fundacional único, cada grupo possui rastros-resíduos onde ecoam a sua ancestralidade. E no decorrer de suas experiências coletivas, essas vivências carregadas de significado se entrelaçam dando origem a outras possibilidades. A identidade rizoma não é origem nem chegada, mas a possibilidade de vir a ser que está em potência na ação de caminhar.

A religiosidade de matriz afro, bem como os rastros memoriais dos ancestrais africanos, representam os elementos afirmativos que constituem os elementos

decoloniais para desconstruir os “regimes de verdade” instituídos no decorrer do período colonial. No conto em estudo, a personagem emerge para a sua afirmação afro, reafirmando sua ancestralidade:

---

Omi estava pronta a ocupar o espaço, o seu lugar na terra. Ao enxergar sua imagem nos espelhos de Oxum viu seus antepassados em uma terra distante em algum pedaço do imenso solo africano, seu povo guerreiro, vivendo em tempos de fartura, de produção de conhecimento e dignidade humana. Sua identidade, antes fragmentada, foi enfim revelada. Com Oxum, pôde, enfim, recuperar sua beleza roubada, encontrar-se no seu íntimo. Nunca mais deixaria de admirar a própria beleza em seus espelhos negros.”(SOBRAL, 2017, p. 51-2)

---

Da mesma forma que seus modos de ser, estar e fazer o/no mundo representam as possibilidades pluriversais, não só da produção do conhecimento, mas de uma maneira fecunda de mulher negra e mundo emergir juntos no ato de viver e conhecer.

## Considerações finais

233

O fio da escrita que teceu esse texto procurou analisar como os rastros da memória afro-atlântica aparecem no conto “*Das Águas*”, de autoria de Cristiane Sobral, através dos elementos da ancestralidade afro-diaspórica manifestada pela religiosidade afro-brasileira. No decorrer da escrita, para essa análise, foram utilizados os contornos epistemológicos e teóricos pluriversais com uma abordagem afroperspectivista. Através das categorias analíticas, foram entrelaçados os elementos textuais presentes na narrativa do conto com os conceitos teóricos dos autores que mergulham nos processos interpretativos da diáspora afro-atlântica. O oceano Atlântico foi a grande encruzilhada que produziu o caos-mundo que deu origem à sociedade brasileira. A personagem Omi com seus desafios, dilemas, encontros com o sagrado e postura de luta representam com tintas vivas a diáspora africana.

Omi já carrega em seu nome o elemento que uniu África e Brasil no processo diaspórico do período da escravidão mercantil: a água. A água tem múltiplos significados na grande diáspora africana, pois representou a grande estrada que conduziu milhões de africanos para uma viagem sem volta. Representou o lugar de

sepultamento daqueles que morreram nesse caminho, representou o potencial de dar vida para novas culturas e formas de cultuar o sagrado. E foi essa potência da água como elemento de prover a vida que Omi tem seu encontro com Oxum, a orixá do panteão iorubá que está presente nos terreiros de Candomblé, Batuque, Umbanda e demais manifestações da religiosidade afro. Foi através da profecia de sua avó benzedeira, que representa as manifestações do sagrado dos povos Bantu, que a protagonista buscou o seu lugar no mundo. Foi na performance do corpo de Omi, corpo-memória que se configura como grande quilombo primevo, que a protagonista retorna para a terra de seus ancestrais em um reencontro carregado de significado de luta para valorizar as suas origens. Esses rastros memoriais submergiram das águas escuras do racismo, preconceito e discriminação através do poder de Oxum. Foi no reflexo dos espelhos de Oxum que Omi compreendeu que ela era um elo da corrente de uma história, de memórias, culturas e religiosidades que vieram de além-mar.

Os rastros da memória afro-atlântica aparecem em todo o conto porque o sagrado da religiosidade africana e afrobrasileira está presente em toda a narrativa. São os elementos da religiosidade iorubá e bantu que desvelam e revelam o caminho de Omi. Assim, como as mulheres negras africanas e afrodescendentes são as responsáveis de reorganizar a interação entre o terreno e o sagrado em comunidade, as mulheres no conto “Das Águas” são as responsáveis de reorganizar as formas de lutar contra o males do corpo, da alma e da sociedade através da sua luta representadas pela tríade Omi, sua avó e Oxum.

## REFERÊNCIAS

ANTONACCI, M. A. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: EDUC, 2013.

BÂ, Amadou Hampatê. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org). **História geral da África: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: Unesco, 2010.

CHAGAS, Wagner dos Santos. **Do contexto da influência ao contexto da prática: Caminhos percorridos para a implementação da Lei nº 10.639/03 nas escolas municipais de Esteio-RS**. 2010. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio do Sinos, 2010.

CHAGAS, Wagner dos Santos. “**Eu sou porque nós somos**”: experiências do emocionar nas aprendizagens umbandistas. Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, 2017.

CHAGAS, Wagner dos Santos; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; ROSA, Lúcia Regina Lucas. Bibliotecas vivas das religiões de matriz afro: discussões teóricas e metodológicas. **Identidade!** São Leopoldo, v. 26, n. 1, 2021, no prelo.

FORD, Clyde W. **O herói com rosto africano**: mitos da África. São Paulo: Summus, 1999.

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Lisboa: Sextante, 2011.

MALOMALO, Bas’Ilele. “Eu só existo porque nós existimos”: a ética Ubuntu. **Revista IHU On-line**, São Leopoldo: Instituto Humanitas - Unisinos, Ano X, n. 353, 2010.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: o reinado do Rosário em Jatobá. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

MUDIMBE, Valentin Yves. **A invenção da África**: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Mangualde, Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista. **Revista da ABPN**. v. 3, n. 6. 2012.

\_\_\_\_\_. Infância em afroperspectiva: articulações entre sankofa, ndaw e terrixistir. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. n. 31, maio/out. 2019.

ORÍ. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda, 1989, vídeo (131 min), colorido. Relançado em 2009, em formato digital. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/uniaodetodasasnacoes/videos/1878768139068550/>.  
Acesso em: 27. jan. 2019.

RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002.

\_\_\_\_\_. Globalização e Ubuntu. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez. 2009.

\_\_\_\_\_. A importância vital do Nós. **Revista IHU On-line**, São Leopoldo: Instituto Humanitas - Unisinos, Ano X, nº 353. 2010.

\_\_\_\_\_. Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana. **Ensaios filosóficos**, v. 4, out. 2011.

ROSA, Lúcia Regina Lucas da; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Narrativas de protagonismos: memórias de mulheres negras em “Olhos de azeviche”. **Revista**

**Textura On-line**, Canoas: ULBRA, v. 23, n. 56. 2021. Disponível em:  
<http://posgrad.ulbra.br/periodicos/index.php/txra/article/view/6687/4210>.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula.2019.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula.2018.

SOBRAL, Cristiane. Das águas. In. AMARO, Vagner (Org). **Olhos de Azeviche**: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira. RJ: Malê, 2017.